

Efeito dos ritos de iniciação no acesso à educação e formação de crianças e adolescentes: caso da Cidade de Nampula

Luís Munharo Simango 

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-2741-9931>

RESUMO

A ideia segundo a qual os ritos de iniciação constituem uma educação tradicional e marcam a transição de uma fase da vida (infância ou adolescência) para outra fase ou estágio da vida (a vida adulta) e consensual (Cipre, 1996; Junod, 1996; Ratilal, 1999 e Osório, 2008). Este resumo resulta de um estudo realizado com o objectivo de investigar o efeito dos ritos de iniciação no acesso à educação e formação de crianças e adolescentes, particularmente da rapariga especificamente. O estudo visava identificar os ensinamentos dos ritos de iniciação, o modo como estes são abordados e verificar a sua influência no acesso e continuidade da rapariga na escola. O estudo decorreu em três bairros da Cidade de Nampula, nomeadamente, Muatala, Nakitiri e Muhala Expansão. Em cada bairro foi seleccionado um quarteirão por aleatoriamente. Sendo um estudo etnográfico, foram administradas entrevistas qualitativas com os informantes chave e aplicado um guião de observação. Os resultados do estudo sugerem não haver influência directa dos ritos de iniciação no acesso à educação por parte de rapazes e raparigas, visto que ocorrem, em geral, no período de férias escolares, ainda que persistam alguns problemas relativamente à frequência e retenção de alunos na escola. O estudo recomenda que se mantenha a contínua melhoria que se verifica na coordenação entre as autoridades da educação e as autoridades locais para assiduidade e não abandono escolar dos jovens e adolescentes precocemente. Para garantir competência dos alunos o estudo recomenda também que se reforcem as acções de sensibilização sobre a importância da escola e para a harmonização efectiva dos calendários dos ritos e o calendário escolar, adoptando-se mecanismos precisos de informação entre a escola e as autoridades locais para dar a conhecer as actividades previstas em cada um dos sistemas de educação (educação formal e tradicional) de modo a evitar sobreposições.

PALAVRAS-CHAVE

Ritos de Iniciação; Acesso à Educação, Retenção, Abandono escolar.

Effect of initiation rites on access to education and training for children and adolescents: case of the city of Nampula.

ABSTRACT

The idea according to which initiation rites constitute a traditional education and mark the transition from one phase of life (childhood or adolescence) to another phase or stage of life (adulthood) is consensual (Cipre, 1996; Junod,

 Doutor em Sociologia, na Universidade, mestre em Pedagogia, atualmente docente/estudante na Universidade, atua como Coordenador do Curso de Letras, membro do grupo de pesquisa, Especialista em Estudos Franceses, autor de livros, E-mail: simangoluis@gmail.com

1996; Ratilal, 19999 and Osório, 2008). This summary is the result of a study carried out with the aim of investigating the effect of initiation rites on access to education and training for children and adolescents, particularly girls specifically. The study aimed to identify the teachings of initiation rites, the way they are approached and verify their influence on the girl's access and continuity in school. The study took place in three neighbourhoods in the City of Nampula, namely, Muatala, Nakitiri and Muhala Expansão. In each neighbourhood, one block was selected at random. Being an ethnographic study, qualitative interviews were administered with key informants and an observation guide was applied. The results of the study suggest that there is no direct influence of initiation rites on access to education for boys and girls, as they generally occur during school holidays, although some problems persist regarding the attendance and retention of students in school. School. The study recommends that the continuous improvement seen in coordination between education authorities and local authorities be maintained to ensure that young people and adolescents do not drop out of school early. To ensure students' competence, the study also recommends reinforcing awareness-raising activities about the importance of school and the effective harmonization of ritual calendars and the school calendar, adopting precise information mechanisms between the school and local authorities to make known the activities planned in each of the education systems (formal and traditional education) in order to avoid overlaps.

KEYWORDS

Initiation rites, Access to Education, Retention, School dropout.

Mhedzisro yetsika dzekutanga pakuwana dzidzo nekudzidziswa kwewana nnnnnnnnvechiri kyaruka: nyaya yeGuta reNmpula.

PFUPISO

Pfungwa inoenderana nekuti ndedzipi tsika dzekutanga dzinoumba dzidzo yechinyakare uye dzinoratidza shanduko kubva kune chimwe chikamu chehupenyu (udiki kana kuyaruka) kuenda kune chimwe chikamu kana nhanho yehupenyu (yakura) inobvumirana (Cipre, 1996; Junod, 1996; Ratilal, 19999 uye Osório, 2008). Pfupiso iyi mhedzisiro yeongororo yakaitwa nedonzvo rekuferrefeta mashandiro anoita chirahwe pakuwana dzidzo nekudzidziswa kwevana nepwere, zvikuru vasikana. Ongororo iyi yaive nedonzvo rekuona dzidziso dzegwara, mataurirwo adzinoitwa pamwe nekuona kuti dzinoita sei pakuwana nekuenderera mberi kwemusikana muchikoro. Chidzidzo ichi chakaitika munzvimbo nhatu muGuta reNampula, zvinoti, Muatala, Nakitiri uye Muhala Expansão. Munharaunda yega yega, bhuroko rimwe rakasarudzwa chero. Kuve chidzidzo che ethnographic, kubvunzurudzwa kwemhando yepamusoro kwaitwa nevanonyanya ruzivo uye gwara rekutarisa rakashandiswa. Zvakabuda muongororo iyi zvinoratidza kuti hapana kurudziro yakananga yegwara rekuti vakomana nevasikana vawane dzidzo, sezvo zvinowanzoitika panguva yezororo rechikoro, kunyangwe zvazvo mamwe matambudziko achienderera mberi maererano nekupinda nekuchengetwa kwevadzidzi kuchikoro. Chikoro. Ongororo iyi inokurudzira kuti budiro inoenderera mberi inoonekwa mukudyidzana pakati pevakuu vedzidzo nevakuu vematunhu ngaichengetedzwe kuitira kuti vechidiki nepwere vasakurumidze kusiira chikoro. Kuona kugona kwevadzidzi, chidzidzo ichi

chinokurudzirawo kusimbaradza zviitiko zvekusimudzira ruzivo nezve kukosha kwechikoro uye kuwiriranisa kunobudirira kwemakarenda etsika nekarenda rechikoro, kutora nzira dzeruzivo dzakanangana pakati pechikoro nevakuru venzvimbo kuti vazivise zviitiko zvakarongwa mune imwe neimwe. yehurongwa hwedzidzo (dzidzo yepamutemo neyechinyakare) kuitira kudzivirira kupindirana.

KEYWORDS

Tsika Dzekutanga, Kuwana Dzidzo, Kuchengetwa, Kusiya Chikoro.

Introdução

A discussão sobre os ritos de iniciação e suas influências no processo de ensino-aprendizagem em Moçambique tem sido matéria de debate nos últimos anos devido às dificuldades para obter consenso entre as sociedades praticantes dos ritos de iniciação e dos pressupostos estabelecidos pelo Ministério da Educação. Segundo Pinto (2017), os ritos de iniciação são parte intrínseca da religião tradicional de toda a África Central, remontando a sua prática a 400 a. C. Tais cerimónias constituem-se como um ritual de transição, estabelecendo as bases que irão regular a vida adulta dos jovens iniciados, através da construção de uma nova identidade.

Entre os Macua, os ritos de iniciação assumem-se, igualmente, quer como um mecanismo de reprodução e de controlo social, quer como a única forma de gerar descendência dentro do quadro de expectativas familiares e da comunidade. Ademais, sem ter sido iniciado, o jovem macua é uma não pessoa não lhe sendo possível, com a morte, alcançar o estado definitivo, que sempre desejou (Pinto, 2017).

Sendo assim, ainda na óptica de Pinto, a prática dos ritos iniciáticos adquire contornos mais complexos do que a de "mera" violação dos direitos das crianças e das mulheres; a par da observância de outros requisitos e rituais, a iniciação garante, após a morte do indivíduo, a "comunhão plena com os seus antepassados". Assim sendo, recusar a iniciação significaria, à partida, renunciar à imortalidade, do que resultou uma forte oposição à adoção de medidas de igualdade de género, com base no pressuposto de que estas reflectiriam "um confronto de culturas em que valores estrangeiros faziam perigar os valores africanos.

Nos primeiros anos de escolaridade, no processo de educação as crianças Moçambicanas confrontam-se com os conflitos que resultam da relação entre os saberes locais (aprendidos a partir da educação tradicional) e

os saberes adquiridos na educação formal. Sobre a educação em Moçambique, existem comunidades onde a educação formal continua a enfrentar dificuldades na integração da criança, dada a forte preferência pela educação tradicional, sobretudo em momentos de práticas de ritos de iniciação.

O estudo dos ritos na Antropologia é relativamente novo, pois entre os primeiros antropólogos com diz Van Gennep, o ritual era visto como algo socialmente irrelevante, já que nem no domínio social existia algo independente e autónomo para reflexão (Van Gennep, 2011:11). Ainda na óptica de Van Gennep, até a segunda metade do século XIX, os padrões de comportamento eram explicados com base na redução do social ao biológico, ou davam uma explicação psicológica aos fenómenos sociais, reduzindo sobre maneira o social a vontade de agentes individuais.

O estudo dos rituais foi introduzido por Van Gennep, que mostrou que os rituais constituem as etapas que definem novas identidades a uma pessoa e, papéis novos que podem ser desempenhados no grupo de pertença e, consciencializam sobre os direitos e valores do grupo social. Portanto, os rituais na Antropologia são olhados a partir de três abordagens. A primeira é a processualista social, vê os rituais cíclicos, compondo três fases: separação, margem e agregação.

A segunda abordagem que é a performancista, difere da primeira pois vê os rituais como elementos de performance, da actuação ou da teatralidade. Para esta abordagem os rituais são como um drama social onde estão presentes a cultura e o desempenho (Van Gennep, 2011). E a terceira abordagem difere-se da performancista e processualista, pois diz respeito ao poder e a política. Reconhecendo a dimensão laica e cívica dos rituais, os defensores desta visão dizem que os ritos estão ligados à esfera política e ao poder, como margem de manobra dos chefes transformarem e manipularem os rituais a seu favor (Leach, 1996).

O estudo visava identificar os ensinamentos dos ritos de iniciação, o modo como estes são abordados e verificar a sua influência no acesso e continuidade da rapariga na escola. O presente estudo também tem interesse de perceber que tanto os ritos de iniciação como o Processo de ensino-aprendizagem estão intrinsecamente relacionados e, ambos, são assuntos que estão ligados ao desenvolvimento cognitivo e contribuem para a formação da

personalidade dos jovens. Consequentemente, ao compreender a importância dos dois tipos de actividades, os anciãos, mestres, os pais e encarregados de educação poderão estar em condições de colaborar com as direcções das escolas de modo a conseguir bons resultados pedagógicos.

Literatura

Os autores Osório e Macuácuá (2013) defendem a primeira abordagem, estes analisam um encontro e ou confronto entre o Estado e os ritos, eles procuram evidenciar a força dos ritos na actualidade. A explicação dos autores gira em torno de três campos fundamentais de visibilidade na esfera pública, a saúde, a educação e os direitos humanos. Osório e Macuácuá citam Ntchama (1991) que afirma que a violação dos direitos humanos é parte das dificuldades da aplicação do normativo contido nas convenções internacionais. Para este autor o próprio silêncio do estado mostra que a forma como este penetra e sustenta a sua lógica de poder. A explicação dos autores Osório e Macuácuá permitem compreender há necessidade da inclusão dos ritos como materialização da constituição. Entretanto, os autores perdem de vista a importância da disponibilização de condições materiais e locais que muitos dos jovens que são iniciados vivem.

Van Gennep (2011) refere que a discussão entre os ritos o processo de ensino e aprendizagem formal lida com a puberdade fisiológica e social, e são duas coisas essencialmente diferentes, e que só raramente coincidem. Se a puberdade física é de difícil datação, apesar da constatação contínua dos seus traços materiais de evolução num indivíduo, a puberdade social é ainda mais complicada de identificar, sendo, porém, a que apresenta maior exposição sobretudo a partir das cerimónias de consagração da maturidade por via dos eventos sociais dos ritos de iniciação. Para este autor a questão da exclusão permitiria que os iniciados pudessem não ter a vida exposta.

No geral a primeira abordagem permite compreender a exclusão dos ritos de iniciação, centrando-se numa educação onde capacita-se o indivíduo para o autoconhecimento e para a transmissão dos valores morais, cívicos e culturais que sustentem a sociedade sem expor o indivíduo.

Diferente da primeira, a segunda abordagem compreende que o principal objectivo dos ritos de iniciação é garantir a manutenção da estrutura social, da

coesão e da continuidade da sociedade. É nos ritos de iniciação onde se separa a criança e o adulto. A questão é que estamos diante de duas lógicas distintas de consagrar crianças e adultos (ensino nos ritos versus ensino moderno). Aliás, segundo Medeiros (1995), não há etapas intermédias entre crianças e adultos no mundo dos ritos.

Independentemente da idade fisiológica dos jovens a iniciação macua consolida saberes construtores da identidade de género e de identidades sexuais discriminadas que se traduzem, a nível individual na preparação de papéis de género para a vida conjugal. Segundo Laraia (2007) a construção das diferenças fundamentais entre homens e mulheres visando legitimar o domínio masculino foi possível através de processos de enculturação, determinados culturalmente, e não em função de uma racionalidade biológica. Este autor permite compreender a importância dos ritos no processo de formação do homem enquanto membro de uma sociedade. Com uma abordagem complementar a de Lararia (2007), Roseiro (2013) afirma que os rituais dos rapazes macondes em Moçambique para a sua integração na vida adulta, consistem na circuncisão e no isolamento, durante um ou dois meses, na época chuvosa e férias escolares. E a circuncisão e os ensinamentos recebidos são intransmissíveis aos não iniciados.

Segundo Mariza Peirano (2003) os rituais podem ser religiosos, profanos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados. O importante nos rituais não seria assim o conteúdo explícito, mas suas características de forma, convencional idade, repetição etc. igualmente importante na análise dos rituais é não nos deixarmos levar unicamente por nossos valores de racionalidade ou pelos critérios de nossa sociedade, já que estes não são necessariamente válidos para outros grupos. A explicação de Peirano (2003) permite compreender a diferença da prática dos ritos, por exemplo a forma como os mesmos acontecem entre os macuas e makondes, isto explica a diferença com que os iniciados relataram suas passagens pelos ritos em suas entrevistas.

Ainda em defesa da segunda abordagem, Medeiros (1982) afirma que nas populações do norte de Moçambique, as mudanças de estado, situação social, e de idade são acompanhadas por cerimónias festivas e rituais quase sempre carregados de significados mágico-religiosos, que têm como objectivo integrar o indivíduo no seu estatuto social.

Segundo Medeiros (1982) as cerimónias de iniciação da puberdade acarretam uma transformação profunda na vida dos jovens. Elas têm por finalidade instruir os iniciados nas crenças da vida social, moral e produtiva, visando incorporá-los na vida de adultos. Os iniciados recebem instruções civis (costumes e etiqueta), profissional (guerra, caça) e sexual.

Alfane (1996) enfatiza a importância dos ritos de iniciação afirmando que também representam uma instituição de ensino reconhecida e respeitada pelas comunidades moçambicanas, porque complementam a educação familiar, reforçam os aspectos culturais, e por sua complexidade e regras são ensinadas por pessoas especializadas. Segundo Sara Pinto (2017) os ritos de iniciação praticados pelos macuas conferem às jovens iniciadas estatuto de adulez, independentemente da idade em que estas jovens são iniciadas. Por outro lado, Osório e Macuádua (2013) afirmam que há um receio de que os conteúdos dos programas de educação escolar possam de alguma forma esvaziar os ensinamentos dos ritos.

A segunda abordagem permite compreender como é a integração de jovens iniciados ou passados dos ritos de iniciação, os factores que sustentam as vantagens que a passagem pelos ritos de iniciação traria para os mesmos e suas famílias. Entretanto perde de vista que em algum momento presente e futuro esse jovem convive em ambientes em que nem todos são iniciados e o mesmo poderia ter dificuldades de ambientação nesses ambientes, poderia também propiciar o abandono escolar por conta de alguns ensinamentos transmitidos durante os ritos, um exemplo disso são os cuidados que ensina-se a jovem iniciada a ter com o seu parceiro, e para os rapazes a segurança que lhes é passada de que são os machos, e as mulheres devem ser submissas a eles.

Metodologia

Esta pesquisa foi orientada por uma abordagem qualitativa em que utilizaram-se entrevistas e guião de observação. Estes métodos permitem ao pesquisador obter uma melhor compreensão e um olhar holístico do fenómeno em estudo através de interacção com os informantes locais. (CRESWELL, 2003). O estudo decorreu em três bairros da Cidade de Nampula, nomeadamente, Muatala, Nakitiri e Muhala Expansão. Em cada bairro foi seleccionado um

quarteirão por aleatoriamente. Sendo um estudo etnográfico, foram administradas entrevistas qualitativas com os informantes chave e aplicado um guião de observação. E cada bairro, foi seleccionada uma escola do Ensino Primário Completo, perfazendo um total de três. A selecção de escolas foi feita também por conveniência.

Dada a diversidade da população em estudo e a natureza qualitativa da pesquisa, usou-se a amostra não probabilística pois os informantes deste estudo foram escolhidos seguindo determinados critérios tais como: sexo, idade, nível de escolaridade e localização geográfica. Assim, num universo de 2580 alunos dos 3 bairros foram entrevistados 34 alunos, dos quais 20 raparigas e 14 rapazes, com idades compreendidas entre 11 a 16 anos. Em relação aos outros informantes, foram entrevistados 11 matronas, 8 professores (4 professoras e 4 professores, 2 membros de conselhos de escola e 2 régulos.

Discussão de dados

Os resultados deste estudo indicam que os ritos de iniciação não constituem de todo um entrave para o acesso à educação por parte das raparigas e dos rapazes em idade escolar, visto que ocorrem, em geral, no período de férias escolares. No que diz respeito à continuidade, os respondentes reportam casos de abandono por parte de alguns rapazes e raparigas por razões ligadas à motivação dos alunos e das famílias, casamentos, gravidez, trabalho, recursos financeiros e algumas práticas dos ritos de iniciação.

De acordo com a maioria dos respondentes, os ritos não influenciam negativamente o acesso à educação por serem realizados normalmente no fim do ano lectivo para evitar que os iniciando falem às aulas. O período de confinamento no acampamento onde se realizam os ritos de iniciação varia entre uma a duas semanas (ou mais, para o caso dos rapazes, se a cicatrização da circuncisão for para além de quinze dias).

Normalmente as cerimónias de iniciação são realizadas no mesmo período do ano, para o caso daquelas zonas. Relativamente no período de realização dos ritos de iniciação, uma aluna entrevistada respondeu seguintes termos: *“No fim do ano, nas férias, porque quando [o iniciando] chega lá [ao*

acampamento] *não pode voltar para ir à escola. É preciso ficar lá até sair*” ALUNA- de uma das Escolas.

Um outro respondente expressou -se nos seguintes termos: “*Sim, é o mesmo [o período de realização dos ritos]. Porque [os orientadores da cerimónia de iniciação] têm medo de atrapalhar as aulas (...). Tem que (...) esperar, então [a escola] nos dar férias [para] depois irem lá [no local onde decorrem os ritos]*” ALUNO- de uma das Escolas.

Contudo as matronas são de opinião que as raparigas não frequentam a escola nos primeiros dias do primeiro ciclo menstrual, pois ela ainda não sabe como se cuidar do ponto de vista de higiene pessoal, conforme relatou uma delas: (...) *A criança (...) quando donzela enquanto esta na escola ela interrompe por duas semanas [por] decisão dos pais. Os vão a escola apresentar o caso e criança fica em casa para aprender a se cuidar para não se sujar na escola (...) então espera-se que o período passe para ela voltar a escola*” MATRONA- de um dos bairros.

Enquanto os ritos de iniciação não exercem uma influência negativa no acesso à educação, relativamente à continuidade da(o) aluna(o) na escola já não se verifica o mesmo. Apesar da tentativa, por parte do Estado Moçambicano, de harmonizar o calendário escolar com o calendário dos ritos (OSÓRIO, 2008), há casos de alunos que faltam aos exames para participar dos ritos. Este atropelo deve-se, segundo os professores, ao facto de existir no seio da ioucomunidade local a percepção de que o fim das aulas é também o fim do ano lectivo e, por conseguinte, o início das férias, como se referiu um dos entrevistados: “*Já fizemos uma reunião com os pais e encarregados de alertando (...), que o fim das aulas não é o fim ano*” (PROFESSOR- de uma das Escolas).

Não obstante este cenário, a maioria dos alunos comunga a ideia de que tanto os rapazes assim como as raparigas devem continuar a frequentar a escola após passarem pelos ritos de iniciação, para se tornarem hábeis na literacia e numerária bem como adquirir uma formação académica e/ou profissional. As causas do abandono, como foi anteriormente referido, são várias, nomeadamente:

- (i) Motivação dos alunos famílias a inexistência de mulheres, nestas localidades, que tenham construído carreiras de sucesso com base na

- educação formal e que possam servir de modelos para as raparigas; os professores das escolas visitadas são maioritariamente provenientes de outras regiões do país, o que deixa espaço para se especular que só os residentes dessas regiões reúnem condições para singrar profissionalmente, encurtando assim o horizonte dos rapazes;
- (ii) Casamentos representam uma etapa lógica e esperada da vida das raparigas. Todo o seu processo de socialização tem em vista prepará-las para serem esposas capazes de cuidar da família e do seu lar. Ao contrário da escola, cujos objectivos e aplicação parecem distantes do quotidiano da rapariga, o casamento pode ser interpretado uma confirmação capacidade dos pais de formar membros socialmente úteis e bem integrados na sua comunidade;
 - (iii) Gravidez aliada ao casamento, se revela um dos indicadores da "normalidade" do casal recém-formado, confirma o seu estatuto de adulto, responsável pela sua família e satisfazer o sentimento de orgulho;
 - (iv) Trabalho as expectativas da família em relação à contribuição deste rapaz ou rapariga iniciados e, portanto, considerados já adultos, também mudam fazendo com que estes se sintam pressionados a procurarem trabalho ou a ajudarem em outras actividades de subsistência e de cuidados da casa e
 - (v) Recursos financeiros - tanto os pais dos iniciados quanto os rapazes e raparigas iniciados muitas vezes não têm meios para garantir a satisfação das suas necessidades básicas. As raparigas, em particular, necessitam de cuidados especiais e reforçados de higiene para garantir que os odores e as manchas típicos da menstruação não lhes criem embaraços na escola.

As matronas também são unânimes em afirmar que as raparigas e rapazes não devem interromper a frequência às aulas mesmo depois de passagem pelos ritos de iniciação. Existe uma percepção de que os ensinamentos que se transmite nos ritos de iniciação e os que não veiculados por via d educação formal se completam, daí a necessidade de manter as raparigas e rapazes na escola como referiu umas das matronas, por lado: "(...) os conselhos de escola e do emwali se completam. Por outro lado, a educação

formal, é vista como um dos , meios através da qual se pode apreender o conhecimento e profissão.

Os dados da observação mostram existir relação, ainda que indirecta, entre os ritos de iniciação, os casamentos prematuros e gravidezes precoces, se tomado em consideração que na sua maioria as raparigas e os rapazes que participam das cerimónias se encontram na faixa etária dos 11 aos 16 anos e parte dos ensinamentos e aconselhamentos que recebem, para além do respeito, da higiene e das lides domésticas, inclui a aprendizagem sobre a forma de ser e estar no lar e de se comportar na intimidade do casamento. As raparigas, por exemplo, aprendem das conselheiras como fazer os movimentos copulatórios através dos movimentos das ancas, cintura e nádegas, e após a demonstração, as iniciadas, acompanhadas pelas respectivas madrinhas, são convidadas a imitar as conselheiras/matronas. Aliada à intimidade do lar, as raparigas aprendem os procedimentos para a limpeza do pénis após o término da relação sexual (como pegar no pénis, como posicionar e mover as mãos, que meio alternativo usar em vez das mãos o lenço, onde depositar o sémen retirado durante a limpeza, para onde direccionar o olhar durante o processo e como agradecer ao marido).

No fim das cerimónias e de volta às suas comunidades, os relatos dão conta que algumas raparigas e alguns rapazes procuram implementar parte dos ensinamentos, muitas vezes movidos pela curiosidade e vontade de experimentar a sua sexualidade, como se referiu como se referiu um dos entrevistados quando questionado se os ritos de iniciação contribuem ou não para as raparigas e os rapazes se envolverem em actos sexuais e se casarem antes de atingir 18 anos, idade permitida por lei:

Contribuem. Contribuem conforme eu disse que as vezes é uma curiosidade. Quando (...) a criança antes de se meter nos ritos de iniciação nem conhece esses assuntos. Mas quando existe algumas proibições, com aquela curiosidade né (...) então {pode} querer experimentar logo (...) usar sexo, logo consequentemente pode casar cedo, (...) mas o objectivo lá [nos ritos] não é tão esse (...) MATRONA.

Sendo que a rapariga atingiu a idade adulta como resultado da sua passagem pelos ritos de iniciação, pode tomar algumas decisões como, por exemplo, se continua na escola ou arranja um emprego na localidade ou

escolhe casar. Ainda que a rapariga opte por estudar, há pais que obrigam as filhas a casar, o que resulta em (...) casamentos prematuros [porque] os pais depois da EPC não assumem despesas de continuidade dos estudos. Crianças com dez anos já têm alguém para as casar e os pais encorajam essas práticas" (PROFESSOR-de uma das escolas). "Se for um rapaz trabalhador, melhor ainda para os pais porque pode trabalhar na machamba deles para acabar com a fome (PROFESSOR-de uma das escolas).

A questão financeira é apontada pelos professores como sendo outra causa do abandono escolar pois alguns alunos têm dificuldades em adquirir uniforme e material escolar, à excepção do livro que é de distribuição gratuita. No que se refere à falta de motivação de algumas famílias em relação à escolarização dos seus filhos, é referido que os pais "(...) *pouco percebem a importância do ensino*" e, neste contexto, não incentivam os filhos a permanecer na escola. PROFESSOR- de uma das escolas.

O trabalho, como causa de abandono escolar, é apontado por um dos membros do Conselho de Escola, segundo o qual "os que abandonam é por causa da procura de emprego nas vilas e cidades". De entre as práticas dos ritos que constituem causas de abandono escolar, na perspectiva dos professores, notabiliza-se a mudança de nome durante a cerimónia, passando as (os) iniciadas (os) a assumir um novo nome. Consequentemente, no fim das cerimónias, quando de volta à escola, o(a) aluno(a) recusa-se a ser tratado(a) pelo nome de registo. A escolha do novo nome simboliza a passagem de uma fase da infância para a adulta. Na óptica de Medeiros (2007, p. 249), "o novo nome assinala o estado do adulto social", e significa, para Alfane (1995, p. 27), "tirar as crianças do seu passado, ou da criança, para incutir-lhes uma personalidade renovada, a de adultos".

Adicionalmente, há aconselhamentos segundo os quais os jovens, especialmente as raparigas, não devem sustentar o olhar e responder aos adultos, reflectindo a ideia de submissão. Sobre este assunto, Gasperini (1989) escreve que durante toda a infância e nos ritos de iniciação se ensina às raparigas que se devem submeter à vontade do homem, sendo socialmente condenável qualquer atitude de resistência. Esta atitude de submissão recomendada pela comunidade contrasta com o que se espera da(o) aluna(o), resultando numa situação desconfortável para a(o) iniciada(o) como se pode

ver na seguinte resposta: (...). o que leva os rapazes ou as meninas não continuar (...) a escola são os conselhos que lhes dão lá: 'assim você não pode estar a falar com as pessoas mais velhas (...) Então a menina leva aquela vergonha para (...) a escola. Chega na escola, está a frente ao professor ou à professora [que pergunta lhe]: 'menina, tudo bem?' [A rapariga] só (...) baixa a cabeça. Então (...) a menina acaba abandonando, e vai sentar em casa porque sente vergonha, não pode falar com pessoas mais velhas. Leva aquele mesmo conselho de lá dos ritos de iniciação [para a escola]" PROFESSOR –de uma das escolas.

Efectivamente, nas observações aos ritos de iniciação notou-se que as raparigas se mantinham cabisbaixas. Por exemplo, a rapariga que ousasse cruzar e sustar o olhar das matronas durante as cerimónias dos ritos de iniciação era catalogada de teimosa, porque a atitude esperada é que ela se mantivesse cabisbaixa e silenciosa.

A generalizar-se esta postura, na escola, por exemplo, as raparigas podem não ter um bom desempenho académico, pois muita informação se lhes pode escapar, uma vez que não podem colocar dúvidas ou mostrar o quanto sabem sobre um determinado conteúdo. Os dados aqui apresentados são confirmados por Osório (2008) quando afirma que os ritos ensinam a submissão aos adultos, o não questionamento às imposições dos mais velhos ou com estatuto superior.

Para reverter a situação, tanto a comunidade (as matronas, mestres-de-cerimónias, líderes comunitários e religiosos) como a escola estão empenhadas em acções para reter os alunos na escola. Por exemplo, as matronas e mestres-de-cerimónias referiram que não faz parte do processo aconselhar as raparigas e os rapazes a deixarem de ir à escola, pelo contrário, "aconselham a continuar a estudar para amanhã ser funcionário, camponês, professor ou outra profissão "PROFESSOR –de uma das escolas. As direcções das escolas são também mencionadas pelas matronas como sendo entidades que devem velar para que casos de abandono escolar não se verifiquem. Neste contexto, as direcções das escolas devem " (...) *entrar em contacto com os (...) líderes comunitários. A escola deve levar a lista de alunos inscritos e ver quem 13 de 15 não está inscrito para ir de casa em casa e obrigar os pais a inscrever os alunos (...).*

Conclusões e recomendações

Duas grandes conclusões decorrem deste estudo. Por um lado, os resultados não indicam que haja problemas ligados ao acesso, como consequência da prática dos ritos de iniciação. A tentativa de harmonização do calendário escolar com o calendário dos ritos de iniciação pode estar na origem do facto de a questão do acesso não constituir de todo um problema significativo para as raparigas e os rapazes dos três bairros da Cidade de Nampula, ainda que persistam alguns problemas relativamente à frequência e retenção de alunos. Por outro lado, os dados indicam a existência de vários factores que concorrem para o abandono e insucesso escolar, tais como a motivação dos alunos e das famílias, os casamentos, a gravidez precoce, o trabalho/emprego, os recursos financeiros, a distância casa-escola e vice-versa e algumas práticas dos ritos de iniciação. Deste modo os dados confirmam parcialmente a hipótese colocada segundo a qual os ritos de iniciação influenciam tanto o acesso como a retenção dos alunos na escola.

O estudo recomenda que as autoridades da educação acolham algumas das práticas dos ritos que possam contribuir para a retenção da(o) aluna(o) na escola, como é o caso do uso, na escola, tanto do nome de registo da(o) aluna como o nome que lhe é atribuído nos ritos de iniciação.

Para garantir a competência dos alunos aos exames, o estudo recomenda também que se reforce as acções de sensibilização sobre a importância da escola e para harmonização efectiva dos calendários dos ritos e calendário escolar, adoptando-se mecanismos precisos de informação entre a escola e as autoridades locais para dar a conhecer as actividades previstas em cada um dos sistemas de educação (educação formal e educação tradicional) de modo a evitar sobreposições.

Referências

- Alfane, R. (1995). *Ritos de iniciação, igreja católica e poder político: algumas achegas sobre o seu papel na educação não-formal: O caso do Posto Administrativo de Natica*. Maputo: UEM.
- Brown, J. K. (1963). *Um estudo transcultural de ritos de iniciação feminina*. *Antropólogo Americano*. 65, p. 837-853.

- Cherkaoui, M. (1996). *Sociologia da educação*. 2. ed. Sintra: Europa-América.
- Cipire, F. (1996). *A educação tradicional em Moçambique*. Maputo: EMEDIL.
- Cohen, L.; Manion, L.; Morrison, K. (2000). *Métodos de pesquisa em educação*. Londres: Routledge Falmer.
- Cosa, E.; Holtman, L.; Ogunniyi, M. e Mikalsen, Ø. (2008). Avaliando a compreensão dos alunos sobre a divisão celular em um curso de graduação em biologia: uma perspectiva qualitativa. *Revista Africana de Investigação em Educação em Matemática, Ciências e Tecnologia*, v. 2, p. 17-30.
- Creswell, J. (1998). *Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions*. Thousand OAKS: Sage.
- Maia, R.L., (2002). *Dicionário de Sociologia*. Porto.
- Mariano, E. (2009) *(De)-objectification of the body: the women's subjectivity in the cOnstruction of sexuality and sexual health in Mozambique*. European Conference on African Studies, Germany.
- Medeiros, E. (2007). *Os ritos senhores da floresta: ritos de iniciação dos rapazes macuas e lómués*, Porto: campo das letras.
- Gasparini, I., (1989). *Moçambique: educação e desenvolvimento rural*. Roma: Edizioni Luvraro.
- Osório, C. (2008). *Ritos de iniciação: um debate necessário*, in outras Vozes, 22.

Recebido em: 14/02/2026

Aceito em: 04/08/2026

Para citar este texto (ABNT): SIMANGO, Luís Munharo. Efeito dos ritos de iniciação no acesso à educação e formação de crianças e adolescentes: caso da Cidade de Nampula. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.6, nº1, p.94-108, jan./jun. 2026.

Para citar este texto (APA): Simango, Luís Munharo (jan./jun.2026). Efeito dos ritos de iniciação no acesso à educação e formação de crianças e adolescentes: caso da Cidade de Nampula. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 6 (1): 94-108.